

PEREIRA, Rosa Vani. **Aprendendo valores étnicos na escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Asmin Nascimento Fraga¹

Jane Célia Bento da Cunha²

Raquel Rezende Dantas³

Semião Nascimento da Silva Junior⁴

Wagnes Guedes de Paula⁵

Aprendendo valores étnicos na escola é um livro cujo à autora Rosa Vania Pereira apresenta estratégias para romper com as influencias racistas, sexistas, homofóbicas e xenofobias. Expondo vários exemplos vivenciados no ambiente escolar, o leitor é convidado a refletir sobre as influencias herdadas por nossos ancestrais, que no discorrer da leitura, é motivado a integrar um mundo mais justo, sentindo-se parte fundamental e agente modificador em busca de um cotidiano no qual as diferenças não sejam concebidas e tratadas com meritocracia.

Com base nos dados oficiais do (IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas; PNUD – Programas das Nações Unidas para o Desenvolvimento; IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), para apresentar os índices de pobreza e desigualdade no Brasil.

Rosa Vania Pereira é professora, pedagoga, e atua na área da educação desde 1993. Sua inserção no debate sobre relações raciais vem desde a adolescência, quando atuava

¹ Graduada em Filosofia (Licenciatura) pela Universidade Federal do Acre – Ufac. E-mail: yasmin.fraga@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Letras Inglês (Licenciatura) na Universidade Federal do Acre – Ufac. E-mail: jancelia.celia@hotmail.com

³ Acadêmica do Curso de Psicologia (Bacharelado) na Universidade Federal do Acre – Ufac. E-mail: raquelrezendeac@gmail.com

⁴ Graduado em Filosofia (Licenciatura) pela Universidade Federal do Acre – Ufac. E-mail: semiao.jr@gmail.com

⁵ Acadêmico do Curso de Pedagogia (Licenciatura) na Universidade Federal do Acre – Ufac. E-mail: wagnesgp27@hotmail.com

em expansões sociais em prol dos direitos humanos, da vivência da cidadania e dos direitos da população negra e do gênero feminino.

A autora incita questionamentos a todo e qualquer cidadão, principalmente aos que fazem parte do ambiente escolar e se comprometeram, ou pelo menos deveriam se comprometer com a educação de nossas crianças e jovens.

Por meio do livro, foi possível observar a irrelevância que as instituições de ensino vêm trabalhando os valores étnicos, e não enfatizando, os conflitos sociais causados pela falta desses valores. Nesse sentido, ela dá sua contribuição para o desenvolvimento da cidadania, do respeito ao próximo, e o estabelecimento de relações humanas e sociais igualitárias.

Esta obra está organizada em VIII capítulos, em um estilo simples, objetivo e conciso. Com a linguagem clara e coerente, e colocação originária encorajadora; sem antagonismo, nos é facilmente apresentado, a máscara do nosso contexto social.

Observa-se que tal obra foi destinada a todo e qualquer cidadão, principalmente docentes, tendo em vista que eles possuem a legitimidade para modificar o que se ensina e se aprende na escola. Por meio disso, entende-se que sua leitura, é acessível para todos.

Capítulo I, cita a lei 10.639/03 com a obrigatoriedade da inclusão do conteúdo étnico racial no currículo nacional, tendo como princípio a importância de recontar a história das mulheres, dos indígenas e da população negra neste país e no mundo.

Segunda a autora é importante que saibamos que a história do Brasil está permeada de muitas outras versões, que não apenas as palavras dos homens burgueses e caucasianos; não existe apenas uma história, e sim várias narrativas.

Ressalta a importância da consciência que o espaço escolar nos exige dois movimentos complementares e paralelos: É preciso combater as desigualdades e promover a cidadania e a equidade. De acordo com ela (2010, pg. 11).

É preciso educar na cidadania, na participação e no respeito desde o agora, não importa em que etapa da vida estejam os estudantes, não importa se são da educação infantil ou do ensino universitário; sempre é tempo de começar a estabelecer relações humanas e sociais igualitárias. Sempre é tempo de promover a igualdade, o respeito às diferenças, de combater o racismo, o sexismo, a xenofobia, a homofobia, o preconceito e a discriminação que decorre das primeiras; e estes são um exercício de coragem e comprometimento.

É visível que em nosso dia-a-dia, a desigualdade parte de várias ordens, mas também é verdade que cada dia nos permite repensar o mundo onde estamos. Nossa educação é precária de embasamentos étnicos, e necessita rapidamente de pessoas que creem e compartilhe desse pensamento com os demais.

O Capítulo II destaca o racismo como tempero do Brasil - O país de maior população negra fora da África é um dos que mais disfarça o racismo. Dentro desse aspecto ilustrativo, podemos destacar a colonização como sendo um elemento marcante para essa construção ideológica de uma sociedade racista oriunda da igreja católica, que impôs seu processo de aculturação para negros e índios arrebanhados pela coroa portuguesa, que por meio da opressão as índios e escravos advindos da África o seu modelo de cultura europeia.

O homem branco buscava na mestiçagem uma alternativa eficaz de branquear a população e fazer desaparecer a população negra, isso pautado na ideia de que os negros seriam uma raça inferior aos brancos, esse fato gerou muitos debates no início da República, pois havia muitas diferenças sociais que precisavam ser corrigidas.

No **capítulo III**, a autora traz uma reflexão que a escola é uma organização social que tem como papel educar crianças e jovens, e, por ser uma organização social, é possível aferirmos que as concepções de mundo presentes no espaço escolar serão as concepções mais aceitas socialmente. Então, uma sociedade hierarquicamente organizada entre ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres terá essas hierarquias presentes na escola. E mesmo afirmando a igualdade, a escola vem há anos se debatendo como o desafio de lidar com a diversidade que existe no seu interior.

Nesse caso, é possível que, discursivamente, a escola afirme que trata todos os estudantes da mesma maneira, que não permite, promove ou cria situações de discriminação racial, de gênero, sexual ou de classe, mas tenha ações e posturas completamente diferentes na prática escolar cotidiana. Para demonstrar isso, a autora colheu ao longo de alguns anos, uma série de relatos em escolas. Em todas elas, quando perguntadas sobre a questão do respeito às diferenças, todas as pessoas afirmavam, categoricamente, que todos os estudantes recebiam tratamento igual, mas as cenas escolares demonstraram o contrário.

E, mesmo que seus agentes pedagógicos insistam em afirmar o tratamento igualitário entre negros e brancos, a realidade escapa e diz outra coisa. Também é verdade que os professores presenciam e protagonizam cenas como essas, todos os dias, e lidam com elas como se fossem “naturais”, isolados, e não parte de um mecanismo maior e mais complexo que excluem negros (entre outros) da escola e do seu direito ao desenvolvimento pleno dentro dela.

No capítulo IV, a autora Rosa Vania nos leva a refletir sobre o quão somos diferentes um dos outros; seja por meio das características físicas, do comportamento, opiniões e gostos. Somos diferentes, e isso, faz com que sejamos iguais. O que para muitos, acaba sendo motivo para bastante discussão.

Por meio disso criam-se crenças de superioridade - Grupos com características incomuns julgam-se superior a outro, dizendo; ser direito deles, ter melhores condições e privilégios, por possuí características melhores...

Existem muitos motivos para o tratamento desigual entre as pessoas – econômicas, religiosas, culturais, entre outros -, e eles têm a ver com o nosso processo de socialização. Muitas vezes, somos socializados para ter opiniões prévias a respeito daquele (a) que é diferente, e geralmente são opiniões negativas. É normal que a diferença cause, à princípio, certa estranheza. O grande problema é quando, no contato com as diferenças, um grupo estabelece hierarquias de valores a partir da sua própria forma de ser e de ver o mundo, criando modelos mentais e os reproduzindo como se fosse verdade absoluta. (PEREIRA, 2009, pg. 36).

Partindo desse pressuposto, as diferenças começam a ganhar valores discriminatório e irracional, que se converte em uma grande desigualdade social, levando em consideração; diferenças físicas, raciais, gênero e sexual. Que são postos para justifica às restrições de determinados grupos social.

É por meio disso, que a autora relata que se iniciar a desigualdade no Brasil. Segundo ela o país vivencia uma constante privação para com determinados grupos, e os que mais sentem essas abstinências; são os negros e as mulheres.

A grande questão é que ninguém nasce racista, nos tornamos racista, e isso, é reflexo do que aprendemos no meio social qual nascemos, crescemos, aprendemos e nos socializamos.

O perigo aqui é que nossos modelos mentais, quando não ampliados, investigados e questionados, tendem a estabelecer escalas de valores excludentes para manter-se e, assim, propagam estereótipos e preconceitos, o que em escala ampliada geral discriminação e segregação. (PEREIRA, 2009, pg. 37).

É comum que em nosso dia-a-dia libertemos nossas raízes ideológicas, que a priori, passa despercebida, e nem sempre observamos a naturalidade com que acabamos por praticar ou refletir feitos preconceituosos. O grande risco, é que nossa forma de olhar, será também nossa forma de tratar e se relacionar.

Por meio de tais escritos, observamos um grande déficit em nosso ensino atual; nossos profissionais docentes necessitam se desprender de suas raízes regadas de preconceito e discriminação, para só assim, poder transferir o real conhecimento “democrático”.

No capítulo V, trata das atitudes comportamentais para a promoção da igualdade, construído por um ambiente pedagógico democrático e inclusivo, sem negar a existência de uma realidade na qual a discriminação, o preconceito e o racismo se fazem presentes de inúmeras maneiras em atos rotineiros do nosso dia a dia. Contudo, é necessário termos conhecimento de causa, de certo as nomenclaturas para de fato, combatermos efetivamente aquilo que realmente conhecemos.

Não raro, são os termos usados em situações conflituosas envolvendo conceitos equivocados no tocante a discriminação racial. Vejamos alguns deles: Racismo, Segregação, Preconceito e Discriminação. Levando em conta que os preconceitos destacados aqui é o preconceito racial, uma vez que pessoas gordas, velhas e pobres, também sofrem preconceitos, só não se pode confundir esse tipo de preconceito, com preconceito racial ou de gênero (voltado para as mulheres).

O que versa ao texto descrito no Artigo 5º da Constituição Brasileira, que Todos são iguais perante a lei e em seu parágrafo primeiro diz que homens e mulheres são iguais em direitos e deveres.

O racismo se configura das mais diversas formas, uma delas está mais explícita dentre as mulheres negras, que sofrem de dupla discriminação, pelo fato de serem mulheres, pela ideologia sexista que se configura na superioridade de um sexo sobre o outro, no caso da superioridade dos homens sobre as mulheres. Superioridade esta que podemos identificar claramente em Efésios 5: 22, 23 e 24, na tradução de João Ferreira de Almeida que fica explícito o poder da figura masculina, advinda de ideologias religiosas, que vem se propagando ao longo dos tempos, posto que isso pode ter sido uma interpretação equivocada e que supostamente deu início ao que posso chamar de machismo religioso, como podemos observar que tradição é um legado de crenças.

22 Vós, mulheres, submetei-vos a vossos maridos, como ao Senhor; 23 porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o Salvador do corpo. 24 Mas, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres o sejam em tudo a seus maridos.

Portanto, a luz da ciência, não existe superioridade dentre os seres humanos, uma vez que todos são portadores de uma mesma matriz genética, identificada por pesquisadores, através do DNA (ácido desoxirribonucleico) da espécie humana, dando a real garantia de que todos somos parentes biológicos.

É lamentável esconder que a existência do racismo em nossa sociedade, uma vez que somos um país racista que não se diz racista, mas a negação do nosso racismo, não faz com que as desigualdades raciais desapareçam no cotidiano.

Vejamos agora na música de Gilberto Gil, intitulada “A mão da limpeza”, de 1984, que nos ajuda a refletir sobre os males causados aos negros no Brasil, desde a sua inserção no mercado de trabalho como escravos ao trabalho livre e as implicações dessa transição nos dias atuais.

No capítulo VI, a autora trata dos conflitos cotidianos existentes no ambiente escolar entre os alunos, sejam em brincadeiras ou jogos, é comum que eles/as se desentendam constantemente; não que seja aceitável que docentes deixem de intervir ajudando os estudantes a desenvolver o respeito mútuo, mas infelizmente, não é de praxe que existam projetos pedagógicos, nos espaços escolares, que tratem de maneira preventiva, positiva e

efetiva os conflitos entre os estudantes, deixando para agir apenas quando ocorrem agressões físicas ou o limite do insuportável.

Essa situação fica pior e tardia quando o assunto são as relações inter-raciais, tendo o silêncio como resposta ou justificativas em favor do aluno que discrimina chegando a inverter a culpa para o discriminado com frases comuns a serem ouvidas no ambiente escolar como:

Ex;

- " É comum crianças se xingarem quando entram em conflito!".
- " O racismo vem dos próprios negros!".
- "As crianças negras é que não se aceitam e aí é um problema delas!".
- "Não ligue, seja superior a isso, pois para Deus todas as pessoas são iguais".

Essas são algumas das justificativas que costumamos ouvir dentro das escolas para amenizar os conflitos raciais, também usados como desculpas para não se trabalhar pedagogicamente para a eliminação do racismo e de práticas discriminatórias em seu interior. Em outras palavras a escola tende a naturalizar o problema, inverter posições de culpa, silenciar e neutralizar (fazer a agressão perder força) situações de discriminação racial decorrentes de racismo.

Quanto ao acima citado ocorre na escola, o professor agiu como se não fosse sua incumbência trabalhar com os alunos para uma convivência harmoniosa e respeitosa com as diferenças. É importante salientarmos que palavras e atos que às vezes julgamos sem maldade, trazem consequências drásticas para quem sofre, bem como para quem as pratica, pois abrem feridas profundas, de difíceis reparações no contexto social.

Para que ocorra a promoção da igualdade racial, o respeito às diferenças individuais e culturais no âmbito escolar, é preciso que seja um trabalho contínuo, onde se estabeleça uma série de princípios e condutas que ao serem aprendidas e ensinadas por todos, favoreça a mudança de posturas e promova relações efetivamente igualitárias, e o respeito às diferenças se torne a base do conhecimento a uma cultura de paz.

Segundo a autora, para realizarmos qualquer projeto dentro da escola é

importante, antes de tudo, sabermos como a escola lida com a temática racial e da promoção da igualdade, ao realizar uma leitura da escola, sabermos quais necessidades educativas nosso projeto pode atender, quais os problemas que queremos solucionar e, principalmente, sabermos a dimensão exata do problema com o qual vamos lidar no ambiente escolar. Se o resultado for negativo, sabermos que temos problemas no ambiente educativo que precisam ser enfrentados para que a escola seja efetivamente inclusiva e democrática; se for positivo, devemos pensar em ações a serem desenvolvidas para que a escola continue no caminho.

Para concluir a autora afirma que promover mudanças na vida, nas pessoas e em nós mesmos é um trabalho contínuo. Precisamos sempre lavrar a terra, lançar novas sementes, conseguir novos aliados. Muitas vezes vemos resultados imediatos, outras tantas demoramos a ver os frutos e ainda há casos nos quais fazemos uma parte e passamos o bastão para outros continuarem no percurso.

Além disso, ao implantar um projeto de promoção da igualdade racial na escola, temos de lembrar que ele não termina quando realizamos a última atividade proposta; ele é um processo contínuo de relações humanas, de aprendizado de relações democráticas, de aprendizado de convivência humana, de conhecimento e reconhecimento do outro e de nós mesmo.

Assim, é preciso ter em mente que mudanças advêm de processos contínuos, e não de eventos isolados, e que mudanças externas são oriundas de transformações internas pelas quais passamos nesse continuado processo de desenvolvimento humano pessoal e coletivo.